



PORQUE VIRTUALIZAR? UMA EXPERIÊNCIA DE CORO VIRTUAL DO PROJETO DE EXTENSÃO GRUPO VOX

GABRIEL LUCA DE SOUZA¹; MERCIA CATIUSSA SILVA SOUSA²; CARLOS ALBERTO OLIVEIRA DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – gabrieluca1@hotmail.com.br 1

²Universidade Federal de Pelotas – mercia.souusa@gmail.com 2

³Univerisidade Federal de Pelotas – caoliufpel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este relato de experiência foi desenvolvido a partir do trabalho remoto com o projeto de extensão Grupo Vox vinculado ao curso de música-licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O trabalho é desenvolvido de forma síncrona e assíncrona, em modo *online* em ambas modalidades e iniciou-se em maio desse ano. O autor do presente trabalho começou a atuar como bolsista em julho de 2020, sendo que o projeto estava com participação, já em andamento, no Festival Virtual de Coros Medellín 2020. O autor estará ligado ao Grupo Vox como bolsista até dezembro desse mesmo ano.

O objetivo do presente trabalho é indagar até que ponto a virtualização do trabalho com o coro pode ser compreendido a partir do conceito de experiência benjaminiana.

Para tanto, BENJAMIN (1955), LEVY (1996) e SILVA (2019), foram usados como fundamentação teórica.

Cabe aqui explanar sobre os termos *erfahrung* e *erlebnis*. Em SILVA (2019, p. 57; p. 58), encontra-se uma explicação dos termos que foram usados nos trabalhos de BENJAMIN (1955). *Erfahrung* está relacionado com a memória e a experiência de rememoração de um coletivo e de sua trajetória ontológica. Através dessa rememoração ontológica, pode-se refletir sobre o passado e tomar para si uma consciência crítica do presente. *Erlebnis* está relacionada a uma experiência que visa o entretenimento e o distrair, sem se importar com a rememoração e com a criação de uma visão crítica. Com base nisso, pode-se dizer que *Erfahrung* evoca o coletivo, as experiências coletivas; e *Erlebnis* evoca as experiências privadas.

Por ter sido virtualizado um trabalho que antes era feito presencialmente – quando o mundo não se encontrava em um quadro pandêmico – entende-se que, segundo LEVY (1996), quanto à virtualização das práticas coletivas e presenciais, não há sentido em discutir se somos contra ou a favor “Devemos, antes, tentar acompanhar e dar sentido à virtualização, inventando ao mesmo tempo uma nova arte da hospitalidade” (LEVY, 1996, p.103). Deve-se aceitar a condição momentânea dessa “maré” de virtualização em prol de utilizá-la em favor da realização da experiência *Erfahrung* da melhor maneira possível.

SILVA (2019, p. 25-27), propõe a representação imagética de um coro como uma aldeia sonora por possuir características que influenciam e são evidenciadas no conjunto sonoro que esse grupo produz. Essa imagem de aldeia traz consigo uma relação e um sentimento de pertencimento que deve ser tratado com cuidado meticuloso, pois em tempos de maciço e massiva virtualização das relações humanas, a sensação de pertencimento é um dos aspectos dessas relações que mais se encontra em risco. Isso porque o método virtual pode diminuir essa sensação de



pertencimento, já que parte dessa sensação foi construída pelo ato de estar junto e presencialmente como grupo.

Ainda numa perspectiva imagética, para refletir sobre o sentimento de pertencimento, evoca-se a metáfora do mosaico benjaminiano (SILVA, 2019, p. 56):

Um mosaico conceitual. Enquanto técnica, o mosaico se vale da justaposição de fragmentos sobre um substrato ou suporte para compor um contexto, no qual as ideias podem aproximar-se por analogia ou, dialeticamente, por total oposição. O mosaico como representação do fragmentário.

Através da imagem do mosaico, podemos perceber que as gravações que são feitas por cada integrante em suas casas podem ser comparadas aos fragmentos que virão a compor o mosaico quando estiverem juntos em um único vídeo.

Até que ponto, a experiência coral compartilhada anteriormente de forma presencial, possui a força de coesão de um substrato, capaz de reconectar as vivências fragmentadas de gravações solitárias em um mosaico que reconstrua a imagem da aldeia sonora desfeita pelo contexto do distanciamento social?

2. METODOLOGIA

A metodologia vale-se das contribuições de CLIFORD (2001) com a perspectiva do surrealismo etnográfico e baseia-se na imersão cultural na experiência das atividades remotas e sua reflexão com base nos conceitos de *Erfahrung* e *Erlebnis* trazidos por BENJAMIN (1955). Ainda mais, sobre a reflexão a cerca do espaço virtual, proposto por LEVY (1996).

Semanalmente é feito um encontro pela internet, onde os ensaios tem sido realizados durante a pandemia do Covid-19. Para realização desses ensaios, foi utilizado uma plataforma de webconferência, o *Meeting Google*, de modo que essa plataforma foi entendida pelos organizadores como a que mais atendia as necessidades do Grupo Vox. A quantidade de integrantes e o tempo em que até então utiliza-se nos encontros são compatíveis com a plataforma.

No começo dos encontros, sempre é feito um aquecimento, tanto corporal como vocal. Nesse momento, o responsável pelo aquecimento mantém ligados a câmera e o microfone do dispositivo usado por ele e propõe os exercícios de aquecimento, enquanto todos os outros integrantes mantem os microfones de seus dispositivos desligados, mas as câmeras ligadas. Em termos de ferramentas utilizadas para realização dos encontros síncronos pode-se citar: a exibição de vídeopartituras feitas previamente por meio de programa computacional que exibe um vídeo da partitura em que é reproduzido um *midi*¹; a exibição de uma gravação das linhas melódicas da peça trabalhada no encontro, na qual ouvem-se todas as linhas melódicas envolvidas, porém com alguma linha melódica destacada. Tal estratégia foi adotada para todas as vozes presentes nas peças trabalhadas; ainda como recurso usado nos ensaios, o coordenador do grupo, Carlos Alberto Oliveira da Silva, com sua câmera e microfone ligados, toca em um piano eletrônico e canta as melodias da peça trabalhada no encontro, e isso faz separadamente com cada melodia e complementa com

¹ Sigla de *Musical Instrument Digital Interface* (interface digital para instrumentos musicais), segundo o dicionário *online* Michaelis. Acesso em 24/09/2020



orientações relativas: à sonoridade desejada, às respirações e frases, a dinâmicas e agógicas² e interpretação.

Para verificar se os integrantes estão conseguindo aprender as melodias respectivas de suas classificações, constantemente é perguntado de modo geral se todos conseguiram entender e cantar a melodia trabalhada, tanto depois da exposição da vídeopartitura, da gravação de todas as vozes com o destaque de alguma delas, quanto depois da passagem das melodias por parte do coordenador. E ainda, em alguns dos ensaios, alguns dos coralistas são solicitados a cantar a melodia de sua classificação vocal separadamente e com sua câmera e microfone ligados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como dito anteriormente, o principal desafio encontrado no trabalho virtualizado é o de garantir que a experiência que esteja sendo vivida pelos integrantes do coral Grupo Vox seja com aspectos da experiência *Erfahrung* e de modo que mesmo com todos os integrantes distantes uns dos outros, ainda sim se mantenha ao máximo a sensação de pertencimento.

Tendo sido desenvolvido pouco mais da metade do cronograma da ação, alguns questionamento persistem. Será que é possível ter esse tipo de experiência e manter essa sensação através do trabalho remoto? Ou melhor, até que ponto o modo virtualizado servirá para alcançar os propósitos expostos?

Em prol de criar experiências de *Erfahrung*, foi pensado resgatar algumas peças que o grupo já havia trabalhado em modo presencial. A primeira delas foi O Salutaris Hostia, do compositor Ēriks Ešņvalds. Essa peça foi transmitida no Festival Internacional de Coros de Medellín. A segunda peça foi Acalanto, do compositor Chico Buarque, com o Arranjo de Silvério Maia. Em seguida foi escolhida a canção MLK, da banda irlandesa U2 com o arranjo de Bob Chilcott. Todas essas citadas anteriormente já foram ensaiadas nos encontros e dadas por finalizadas em termos de trabalhos síncronos. Em andamento, está sendo resgatada a peça Ave Maria de Franz Biebl. Para as próximas peças a serem trabalhadas até dezembro desse ano, porém ainda não abordadas com os coralistas, foi escalada a canção Un vestido y un amor, do compositor Fito Páez e arranjado por Josefina Severino, e O Sifuni Mungu, uma peça feita sobre o texto de São Francisco de Assis, traduzido por William Drapper, em composição conjunta com David Maddux, Mmunga Mwenebulongo, Marty McCall, Asukulo Mukalay, e arranjo adaptado de Edu Morelembaum.

Como forma também de resistência ao possível apagamento da imagem da aldeia sonora e atualização permanente do sentimento de pertencimento, as gravações com voz em destaque feitas pela comissão organizadora, como explicado em metodologias, é usada como uma maneira de simular a sensação harmônica que se notaria ao cantar juntos e presencialmente, o que pode relembrar aos coralistas que, mesmo estando momentaneamente afastados, ainda sim pertencem ao Grupo Vox.

Outra estratégia adotada é a perspectiva levyniana das noções de hospitalidade e acolhimento, na medida do possível, aos coralistas e suas adversidades ao longo de suas práticas enquanto cantores do grupo são ferramentas úteis de manutenção do sentimento de pertencimento.

² Dinâmica refere-se à intensidade sonora que o compositor quer que seja executado sobre um trecho musical. Agógica refere-se ao andamento ou velocidade em que uma peça deve ser executada (SADIE, 1994).



4. CONCLUSÕES

Antes desse tópico se iniciar, é necessário ressaltar que o trabalho remoto se estenderá, no mínimo, até dezembro desse ano, logo, o relato feito aqui se refere até o período de setembro, mês que o resumo expandido, juntamente com o vídeo, serão submetidos à avaliação com possível participação, se aprovado, no VII Congresso de Extensão e Cultura.

Através da análise desse relato de experiência vivida até então, nota-se que o distanciamento social causado pela pandemia pode afetar as relações humanas.

Em vista dessa realidade, deve-se lançar mão de todas as formas possíveis para a manutenção dessas relações, para que essas possam ser preservadas em meio ao momento atípico em que a humanidade está passando.

A virtualização das práticas que antes eram presenciais se mostra uma ferramenta muito útil para essa manutenção. Porém, é também conveniente ressaltar que a virtualização pode gerar uma experiência que se aproxima das práticas presenciais, mas a mesma possui sua singularidade enquanto experiência e não encontra, pelo menos ainda, o poder de substituição dos encontros presenciais e as relações humanas que esses encontros podem gerar.

Fica dessa reflexão algumas indagações:

O que se pode virtualizar? O que devemos virtualizar? Quando virtualizar?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, C. O. **Uma collage Donde musica hubiere, cosa mala no existiere: uma collage do Concerto Vox Chorum do Coral UFPEL**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

LEVY, P. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

CLIFFORD, J. Sobre o Surrealismo Etnográfico. In: Gonçalves, R. S. **A Experiência Etnográfica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. Cap.4, p.132-178.

SADIE, S. **Dicionário de Música**. Jorge Zahar, 1994.